

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

CAMPUS DE MARÍLIA

FFC – FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA (PPGFIL)

LINHA: CONHECIMENTO, ÉTICA E POLÍTICA

VIOLÊNCIA EM FRANTZ FANON E ACHILLE MBEMBE

MARÍLIA

2024

VIOLÊNCIA EM FRANTZ FANON E ACHILLE MBEMBE

Projeto de mestrado apresentado como projeto de pesquisa para ingresso no Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGFIL), da Faculdade de Filosofia e Ciências – FFC/Campus de Marília.

MARÍLIA

2024

RESUMO

O presente projeto possui como objetivo central investigar o conceito de violência em Frantz Fanon e Achille Mbembe, tendo em vista duas dimensões: a primeira é que ambos autores possuem trabalhos filosóficos que partem de reflexões acerca de África; a segunda é que Mbembe possui influências diretas e explícitas de Fanon. Assim, buscamos propor uma análise do conceito de violência que possa ser articulado, principalmente, ao sentido de resistência na dimensão sociopolítica, sendo guiados pela seguinte pergunta: *Quais os contornos da relação entre violência e resistência no pensamento de Franz Fanon e de Achille Mbembe?* Para tanto, duas obras servirão de ponto de partida para a pesquisa, a saber, *Condenados da terra* de Frantz Fanon e *Políticas da inimizade* de Achille Mbembe. A pesquisa será realizada a partir de uma análise conceitual que pretende recuperar um tema clássico da filosofia, que é a relação entre violência e política, mas que traz para o centro dessa análise a temática étnico-racial que norteia os trabalhos de Mbembe e Fanon. Para o aprofundamento da compreensão mobilizaremos trabalhos de comentadores de ambos os autores, além de outros textos que privilegiam a relação entre Frantz Fanon e Achille Mbembe, sempre dando centralidade ao conceito de violência articulado ao de resistência no interior de um debate étnico-racial.

Palavras-chave: Violência; Resistência; sociopolítica; Frantz Fanon; Achille Mbembe.

INTRODUÇÃO

O presente projeto de pesquisa tem por objetivo a investigação acerca do conceito de violência na obra de dois autores interligados tanto por suas experiências e escritos em solo africano, quanto pela influência que Achille Mbembe absorve de Frantz Fanon. O que se busca investigar é em que medida os conceitos, e seus desdobramentos, se aproximam e se afastam pensando no plano sociopolítico de África e suas relações com o mundo. Para tal empenho, partiremos da análise dos textos *Condenados da Terra* (2022) de Frantz Fanon e *Políticas da Inimizade* (2020) de Achille Mbembe. Assim, o projeto é dividido em três momentos: primeiramente, justificamos os ganhos em se investigar a questão da violência a partir do estudo de autores africanos; Em segundo lugar, recuperamos elementos que tratam da questão da violência a partir da análise da obra principal de Fanon apoiada em outros escritos do autor e comentadores do tema em questão. E, por último, de maneira similar, expusemos momentos do texto de Mbembe que elegemos como principal, além de trabalhos de comentadores, para realizar uma

explicação geral das diferentes visões entre os autores, suas aproximações e possíveis divergências.

JUSTIFICATIVA

Com o intuito de se demarcar uma posição nítida contra o racismo epistêmico¹, o qual tem por objetivo último a não humanização completa de seres humanos (Maldonado-Torres, 2008, p. 79), a presente proposta de pesquisa parte da noção inicial de que o estudo de problemas filosóficos clássicos, como a questão da violência, pode ser feito através da mobilização das teorias filosóficas africanas e a partir de seus autores. Excluir do debate filosófico o pensamento produzido por autores africanos pode contribuir para uma espécie de epistemicídio² que, ademais, tem sido comum à filosofia ocidental. Esse processo de exclusão fere, não apenas subjetiva e individualmente, mas sim a racionalidade, de forma coletiva, de povos subjugados (Carneiro, 2005, p. 97).

Vale destacar, conforme diz Moura, que os estudos das humanidades no Brasil, em especial sobre a temática racial, foi muito influenciado por elaborações herdeiras da superestrutura escravista brasileira, algo que ainda ecoa de forma bem explícita no capitalismo brasileiro (Moura, 2019, p. 39).

Nessa perspectiva, demarcamos enquanto indispensável apontar para uma pluriversalidade da filosofia, com suas multiplicidades e diversidades, afinal historicamente ocorreu um silenciamento violento de filosofias que não são enquadradas enquanto ocidentais e são potencialmente filosofias de libertação e de emancipação (Ramose, 2011, p. 14).

Assim, em um primeiro momento, a utilização de autores como Frantz Fanon e Achille Mbembe, estabelecendo um diálogo entre seus tempos, espaços e sociedades – globais e locais – é encarado por nós enquanto um movimento filosófico que vá no sentido contrário ao que é relatado por Maldonado-Torres, Carneiro e Moura e de acordo com o que Ramose nos aponta enquanto filosofias que mantêm uma potencialidade sobre a

¹ Tanto esse conceito quanto o conceito de epistemicídio serão tratados com mais cuidado durante a pesquisa, mas como indicativo é necessário explicitar que “o racismo epistêmico opera pela via da lógica segundo a qual o único regime de verdade seria fornecido pela tradição de pensamento ocidental, ‘científica’, cuja cosmovisão deveria se disseminar como forma ‘superior’ de conhecimento em detrimento de outras cosmologias e saberes (Reis, 2020, p. 8).

² Para Sueli Carneiro, “o epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação do acesso à educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da auto-estima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo (2005, p. 97)

libertação e emancipação dos povos. Soma-se a isso, como bem expõe (Ilges, 2016, p. 185), que as poucas obras de pensadores africanos traduzidas e trazidas para o Brasil, justamente bem consumidas, devem ser encaradas a partir também de uma perspectiva africana, entre africanos.

Tendo como base o que mostra Achille Mbembe (2012, p. 25), é possível afirmar que ler Fanon hoje significa restaurar sua vida, obra e trabalho, no sentido da luta e da crítica, mas também traduzir para a contemporaneidade os problemas que assolaram sua vida e, nessa perspectiva, faz-se necessário pensar com e contra ele, mas sempre tendo Fanon no horizonte, mesmo que para Mbembe (2013, p. 15) o mundo dele não é mais exatamente como o nosso. De forma certa, Mbembe (2012, p. 26) nos mostra que devemos a Fanon a realização que há “algo” latente que permite a possibilidade de que nenhum subordinado se mantenha submetido à dominação e para além disso, a potencialidade da reanimação dessa chama viva de luta e crítica a partir de uma espada de aço, a qual brilha nas próprias ideias de Mbembe. Notadamente “Fanon [...] não é um peão, é um bispo, que tem a capacidade de avançar rapidamente para o campo do inimigo e, por vezes, contra seu próprio campo, de forma transversal” (Barbosa, 2023, p. 780). Por um lado, é a transformação da palavra crítica em práxis absoluta e por outro, é como Ogum³, é a força do metal que transforma o instrumento em ferramenta de luta no embate.

Não por acaso, é através de Fanon que Mbembe se afasta de um aprofundamento do pessimismo na dimensão política (Drabinski, 2023, p. 37), a influência, como já citada é explícita e aponta para uma construção filosófica fundamental para se entender não só o continente africano, mas também o mundo e as interrelações entre ambos. Precisamente sobre esse projeto, Varadharajan (2008, p. 133) encara como chave o pensamento de Mbembe para se pensar a violência, na medida em que as teorias convencionais historicamente enxergam a África enquanto o local perfeito para se analisar o paradigma da violência, ao contrário, ele inverte essa lógica, retira esse lugar característico de África e faz com que as teorias sociais se forcem a encontrar a realidade mais rica acerca do continente, livre de preconceitos. Desse modo, nos interessa investigar os desdobramentos teóricos que podem brotar da aproximação da abordagem de Fanon, que enxerga a violência pela ótica emancipadora do colonizado, com o olhar de Mbembe, que aborda a violência no sentido da resistência sociopolítica, conforme veremos adiante.

³ Orixá cultuado nas religiões de matriz africana.

Assim, tendo em vista as ligações intrínsecas entre Fanon e Mbembe e seus diálogos constantes que englobam a violência, os quais serão tratados com mais cautela na seção sobre a fundamentação teórica, o leitor pode surgir com a questão de que, por mais que haja essa influência, por que analisar a violência e a dimensão sociopolítica justamente com esses autores? Para além de ser um tema clássico na história da filosofia e contribuir para a temática étnico-racial, “Fanon e Mbembe [articulam] uma coisa em comum: críticas epistemológica e política ao fundamentalismo eurocêntrico. Ambos dialogam em busca de uma alternativa cosmopolita” (Noguera, 2016, p. 71), isto é, justamente se enquadrando em uma potencialidade de filosofias da libertação e de emancipação. Mais ainda, tendo um horizonte, um mundo livre do fardo das raças, “o que Fanon e Mbembe fazem com suas filosofias? Não é justamente convidar leitoras e leitores para o autêntico exercício filosófico?” (idem). Talvez, nesse sentido, o esforço de explorar o pensamento de Fanon e Mbembe, tendo a questão da violência como centro, pode ser um modo de apresentar o autêntico exercício de pensar a vista do movimento e da mudança.

OBJETIVO GERAL

O presente projeto pretende investigar o conceito de violência, principalmente no sentido da resistência no plano sociopolítico, presente na obra de dois autores que são interligados pelos projetos de independência em África, e será guiado pela seguinte pergunta: *Quais os contornos da relação entre violência e resistência no pensamento de Franz Fanon e de Achille Mbembe?* Para tanto, serão analisados, primordialmente, os textos *Condenados da Terra* (2022) de Frantz Fanon e *Políticas da Inimizade* (2020) de Achille Mbembe.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- I. Reconstruir o conceito Fanoniano acerca da violência na obra *Condenados da Terra*, principalmente o conceito de violência emancipadora do colonizado.
(Oito meses)
- II. Analisar o conceito de violência na obra *Políticas da Inimizade* de Achille Mbembe, pensando fundamentalmente no sentido da resistência sociopolítica.
(Dezesseis meses)
- III. Realizar um estudo comparativo entre os dois conceitos nas obras, na intenção de responder a questão que guia a pesquisa, a saber: *Quais os contornos da*

relação entre violência e resistência no pensamento de Franz Fanon e de Achille Mbembe? Com isso pretende-se recuperar um tema clássico da filosofia política e social, que é a relação entre violência e resistência, trazendo a temática étnico-racial para o centro do debate. (Vinte a quatro meses)

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Fanon e a violência

Frantz Fanon, como bem aponta Deivison Faustino (2018, p. 115-116), debruçou-se em *Condenados da Terra* sobre o embate entre o colonialismo e sua antítese, o anticolonialismo, bem como na relação em que a violência fundamental do primeiro só seria superada a partir de uma ação conjunta dos sujeitos colonizados, de natureza e qualidade igual ou superior. A obra é escrita na perspectiva daquele nativo que foi condenado a ter sua terra espoliada por agentes estrangeiros, não por acaso, o livro mostra um caminho nítido que é a luta pela consciência nacional (Luiz, 2018, p. 126)

Nesse sentido, faz-se frutífero analisar esse processo de descolonização o qual “é sempre um fenômeno violento, [...] um programa de desordem absoluta” (Fanon, 2022, p. 31-32), no entanto, como esse processo afirmado enquanto violento se relaciona com a própria violência? Fanon nos aponta como dentro do contexto colonial é possível identificar

três formas de violência – violência colonial (que chegou em seu ápice com a Guerra da Argélia), a violência emancipadora do colonizado (o estágio final do que foi a guerra de libertação nacional [e a que mais concerne a este projeto]), e a violência nas relações internacionais (Mbembe, 2012, p. 22, tradução nossa)

Nos atentemos, portanto, à essas três formas. De forma plena, a violência colonial, como nos mostra Mbembe (idem) possui três dimensões: institucional, dado que existiu um supervisionamento do controle e da sujeição através da força, sendo esta situada tanto na origem quanto na manutenção da dominação colonial. Em segundo lugar, a violência colonial também ocorre na dimensão da experiência, dado que ela é percebida no cotidiano do colonizado a partir do racismo, da humilhação, de assassinatos, da vigilância e de abusos, inclusive fisicamente no próprio espaço onde o colonizado se encontra – vale citar, que essa percepção empírica da violência colonial, acontecia também no plano da linguagem, isto é, “a linguagem do colono, quando fala do colonizado, é uma linguagem zoológica” (Fanon, 2022, p. 39). Assim em termos mais

específicos a violência colonial se materializa na subjetividade do sujeito, nos planos psíquicos e afetivos, causando inúmeras dores e traumas que se manifestam, novamente, na materialidade do corpo do colonizado.

É explícito como essa violência afeta continuamente o espaço e os indivíduos que ali residem de modo nativo. Por um lado, o mundo colonial é “compartimentado, maniqueísta, imóvel, mundo de estátuas: a estátua do general que logrou a conquista, a estátua do engenheiro que construiu a ponte. Mundo seguro de si, esmagando com suas pedras as costas esfoladas pelo chicote (Fanon, 2022, p. 48). Por outro, para a sociedade e os indivíduos, “o aparecimento do colono significou, sincreticamente, a morte da sociedade autóctone, letargia cultural, petrificação dos indivíduos. Para o colonizado, a vida só pode surgir do cadáver em decomposição do colono” (Fanon, 2022, p. 88). Um congelamento da vida social do colonizado, o qual só poderá ter seu status de humano revivido com a morte de quem o desumanizou.⁴

Desse mundo e dessa relação faz-se possível apontar que, em primeiro lugar, existe uma tensão muscular no colonizado criado pelo colono e pelo colonialismo, essa tensão “é periodicamente liberada em explosões sanguinárias: lutas tribais, lutas de *çofs*, lutas entre indivíduos” (Fanon, 2022, p. 50). Nota-se como a violência não é canalizada para quem ou que a fomentou, mas sim, contra os seus próprios em uma “autodestruição coletiva muito concreta [por exemplo] nas lutas tribais” (Fanon, 2022, p. 51). Outra dimensão dessas explosões de violência, passam por uma manifestação através da dança e da possessão – pautadas pelas forças sobrenaturais e reforçadas pelo próprio colonialismo. Observamos “que essa violência, durante todo o período colonial, embora à flor da pele, girava no vazio. Vimos como era canalizada pelas descargas emocionais da dança ou da possessão. Vimos como se esgotava em lutas fratricidas” (Fanon, 2022, p. 55), isto é, lutas internas. No entanto, o que mais interessa a esse projeto é destrinchar o que ocorre após essa virada de chave na práxis do colonizado, em que ao invés de canalizar a violência contra os seus, “o colonizado descobre o real e o transforma no movimento de sua práxis, no exercício da violência, no seu projeto de libertação” (Fanon, 2022, p. 55), uma violência canalizada e organizada que tem como objetivo principal a libertação do povo colonizado.

Em uma conferência sediada em Accra, Gana durante o ano de 1960, Fanon professa uma frase certa para a análise do conceito em um discurso incisivo sobre a

⁴ Esse aspecto, relacionado com a violência, será abordado ao longo do projeto.

violência emancipadora do colonizado: “O povo argelino escolheu a única solução que restou a ele, e essa escolha nos manteremos” (Fanon apud Marshall; Meyer, 2021, p. 191, tradução nossa). Aqui, é possível apreender que a violência não é o ponto de partida, mas sim, uma dimensão da luta pela independência e libertação nacional que “só poderá triunfar se todos os meios forem colocados na balança” (Fanon, 2022, p. 33). Existiram descolonizações através de negociações, mas Fanon nos alerta para diferenciar as falsas das verdadeiras descolonizações, onde as primeiras enquadram os recém Estados independentes em uma dependência direta de sua antiga metrópole de forma subserviente, com a ajuda das elites locais; as verdadeiras descolonizações teriam o povo e uma vanguarda em luta como protagonistas do movimento de libertação e de construção de uma nova sociedade que se afasta dos moldes neocoloniais (Barbosa, 2023, p. 782). Essa é a resposta de Fanon para quando as negociações falhassem.

Explícita a legitimidade dessa violência, passamos, portanto, à viabilidade e às consequências da mesma.

O dirigente nacional que receia da violência, portanto, está errado se imagina que o colonialismo vai ‘nos massacrar a todos’. Os militares logicamente, continuam brincando com bonecos que datam da época da conquista, mas os setores financeiros logo os trazem de volta à realidade (Fanon, 2022, p. 62)

É nítido como o capitalismo e seus agentes, como banqueiros e industriais das metrópoles, possuem interesses claros com as colônias e antigas colônias. Existe um medo das elites no país colonizado com o poderio militar, há uma palavra de ordem que permeia muitos que é a não violência, a qual nada mais é que “uma tentativa de resolver o problema colonial em torno de uma mesa de negociações” (Fanon, 2022, p. 58), no entanto, as massas famélicas têm pressa e o comércio para a colônia deve continuar.

Nesse quadro, os intelectuais e os partidos nacionalistas na colônia assumem uma posição inicialmente conivente com os interesses das elites locais – da nação colonizada – e com as elites das metrópoles, dado que em relação aos primeiros, é necessário explicitar que

o conhecimento produzido em contexto colonial, portanto, guiado pela visão cultural do branco europeu colonizador era um conhecimento que destituía o colonizado de qualquer traço capaz de lhe conferir humanidade, tirando do colonizado qualquer possibilidade de se entender no mundo com possibilidades de exercer sua autodeterminação (Chaves, 2019, p. 45).

Não aponta para uma emancipação do autóctone e acaba por reproduzir tanto os ideais quanto as ideias do colonizador.

Os partidos operam de forma semelhante e vale pontuar que são “formados basicamente por setores urbanos, enxergam muitas vezes os setores rurais como atrasados e sem capacidade de construção de um projeto político” (Chaves, 2019, p. 41). Ponto crítico na análise de Fanon na medida em que, como mostra Luiz (2018, p. 126), é justamente o camponês, expropriado de sua terra, condenado a viver sem a terra que é justamente o sujeito revolucionário da colônia, aquele que sofreu em maior medida a violência. Nesse sentido

Ora tratando dos partidos políticos, ora tratando da burguesia percebemos que muitas vezes partido e burguesia se misturam na visão de Fanon sobre esses grupos sociais. Entendemos que esses dois grupos muitas vezes aparecem como o mesmo grupo. Esse grupo muitas vezes revelaria sua visão colonizada do seu papel político perante a nação. Enquanto um grupo social de visão colonizada, sua orientação política é a metrópole e seu principal interlocutor das tratativas políticas é também a metrópole, mais ainda do que os outros setores nacionais. Nas suas tratativas, utilizam as massas como um recurso de ameaça à insurgência popular. Porém, como suas intenções de rompimento não são reais, essa atitude provoca conflitos dentro do próprio partido, provocando uma cisão que, na visão de Fanon separa aqueles comprometidos com a libertação nacional e aqueles que no máximo se utilizariam do fato político da independência para tirar proveito próprio dos postos de comando (Chaves, 2018, p. 42-43)

Com os atores postos na mesa, nesse cenário, há o que ele chama de “ponto de não retorno. [...] Uma vez que [o colonizado] também decidiu responder através da violência, assume todas as consequências” (Fanon, 2022, p. 87).

É uma atmosfera que se cria, precisamente uma violência atmosférica “esse espectro, presente em todos os lugares na cena colonial e para além dela” (Lopes, 2022, p. 1524), o qual perpassa os sujeitos e sociedade, bem como se reflete no contexto internacional, extrapolando o cenário nacional. Isso permitiu Fanon “enxergar o problema do colonialismo e do neocolonialismo em termos que excedem as fronteiras nacionais e continentais” (Chaves, 2018, p. 91), precisamente no ponto em que o colonizado “descobre que a violência é atmosférica, que eclode aqui e ali, e aqui e ali derrota o regime colonial. Essa violência que dá resultado tem um papel não só informante como operacional para o colonizado” (Fanon, 2022, p. 68). A solidariedade internacional permite que o colonizado em luta, perceba as diversas vitórias pelo mundo, internalize e consiga vislumbrar a vitória em sua luta por independência através, também, da violência.

Nessa argumentação, portanto, notamos que a violência emancipadora do colonizado aponta que “o colonialismo não é uma máquina de pensar, não é um corpo dotado de razão. É a violência em estado puro, e só se curvará diante de uma violência maior (Fanon, 2022, p. 58)”. Ela também “é a intuição que as massas colonizadas têm de que sua libertação deve se dar – e só pode ser dar – pela força (Fanon, 2022, p. 70)”, isto é, por todos os meios necessários e por cima de qualquer obstáculos, afinal, “o homem colonizado se liberta na e pela violência (Fanon, 2022, p. 82)” e essa mesma violência emancipadora, “a violência do colonizado, como dissemos, unifica o povo (Fanon, 2022, p. 88)”. Diante dessas passagens é possível apontar que “No que se refere aos indivíduos, a violência desintoxica. Liberta o colonizado do seu complexo de inferioridade, de suas atitudes contemplativas ou desesperadas; torna-o intrépido, reabilita-o a seus próprios olhos (Fanon, 2022, p. 89)”.

Por outro lado, vale ressaltar uma questão, e que talvez mais importe para o segundo autor base deste projeto, sobre como essa violência atmosférica, por mais que contenha a violência emancipadora do colonizado, pode abrir um calabouço de terrores. Fanon já nos alerta que o ódio, a violência e a vingança não podem ser os únicos elementos para uma luta de libertação (2022, p. 136), visto que o racismo e o colonialismo poderiam de forma cínica se metamorfosear, inclusive revestido por uma camada de respeito, para que a dominação seja contínua (2022, p. 137). O esclarecimento do povo, como continua Fanon, é o principal elemento a ser focado durante uma luta de libertação nacional, a organização e esclarecimento das massas em um sentido econômico e social, seriam o foco do militante em luta (2022, p. 141).

Essa preocupação se liga especialmente com o capítulo três da obra, *Desventuras da consciência nacional*, no qual Fanon (2022, p. 157-158) se mostra especialmente preocupado com uma consequência direta de um movimento que tem seu sustento numa vaga unidade africana como bandeira. Esse movimento operou uma real unidade contra o colonialismo, porém, com o fenômeno da descolonização, perdeu sua função prática na materialidade, ressuscitando antigas tensões étnicas/tribais; e os interesses de certas elites/burguesias locais situadas em determinadas regiões privilegiadas pelo sistema colonial, em que se aproveitam de como o colonialismo se aproveitou desproporcionalmente do território. O colonialismo se aproveita desses dois movimentos e Fanon (2022, p. 159) aponta, a partir disso, que ele coloca africanos contra africanos em lutas fraticidas, em uma violência chauvinista interna dentro do próprio continente, dentro de uma unidade africana.

Também tocando nesse ponto caro para Achille Mbembe, está o capítulo cinco da obra, *Guerra colonial e distúrbios mentais*, no qual Fanon vai abordar as consequências psicopatológicas e mentais da luta de libertação nacional em que

os colonizados são destruídos fisicamente e mentalmente de forma tão intensa e constante que a violência se espraia socialmente a tal ponto de aparecerem casos em que franceses são acometidos de distúrbios decorrente da violência colonial, seja por praticarem a violência ou conviverem com ela (Chaves, 2018, p. 112)

Assim, concordamos com a explicação dada por David Marriot (2011, p. 68) quando aponta que a violência para Fanon não é algo positivo ou negativo, mas sim algo que está em toda relação social que ocorre na colônia, da política à ética, da raça ao gênero, sendo indissociável do humano nesse contexto social. E é com essa tese de Marriot que passemos a análise de Achille Mbembe em relação à violência e o que ele entende da filosofia Fanoniana nesse aspecto, dado que é justamente por essa encruzilhada que Mbembe parece optar por percorrer.

A violência e Achille Mbembe

Achille Mbembe possui intensa influência de Frantz Fanon, e é em de seus livros mais recentes, *Políticas da inimizade* que podemos extrair um conteúdo rico que demonstra essa aproximação, principalmente no que tange ao nosso conceito em estudo: a violência.

Mbembe (2020, p. 54-55) argumenta que em nossa época existem duas narrativas proeminentes: o (re)começo e o fim, possíveis a partir da destruição, da aniquilação. E é exatamente entre esses dois paradigmas que se opera as formas de dominação. Algo muito presente na filosofia greco-judaica — a ideia de um apocalipse e um novo mundo após diretamente ligado com o destino do Ser —, a qual se infiltrou em diversas culturas e contrapôs formas de pensamento dissemelhantes ou opostos. De qualquer maneira, Mbembe coloca que o fim já ocorreu para muitos na Modernidade e o questionamento gira em torno da questão de como viver o após, como refazer o mundo. “Dito isso, nossa época segue decididamente um duplo movimento: o entusiasmo pelas origens e pelo recomeço, de um lado, e, de outro, a saída do mundo, o fim dos tempos, a últimação do existente e a vinda de um outro mundo” (Mbembe, 2020, p. 57).

Seguindo essa linha, a pós-colônia⁵ é tomada, a partir de uma linguagem religiosa principalmente, de uma equalização dos desejos entre dominados e dominantes, isto é, a vontade pelo fim — algo que mina as tentativas de lutas. Também, Mbembe elege outros pontos para a falta de transformação revolucionária, que é a sociedade investindo energias em uma “fruição sem mediação, imediata, que é ao mesmo tempo vazio de prazer e predação de tipo libidinal” (Mbembe, 2020, p. 57)⁶. Há uma fixação pela origem, vale lembrar, que tem o outro como central, o preferir a si mesmo que o outro, da mesma forma que as guerras transcorrem no plano filosófico e material. Explica-se: é uma justa defesa atacar o inimigo, o perigo é externo, sendo eles próprios “os arautos da própria ruína” (Mbembe, 2020, p. 59). A questão é viver pela espada, quem consegue ter a política mais repressiva, com a generalização do medo sendo algo comum até nas democracias contemporâneas. “A ideia de que existe uma força fundamentalmente libertadora que emanará praticamente do nada quando o fim realmente se consumir está no cerne das violências políticas de conotação tecnológica da nossa época” (Mbembe, 2020, p. 61).

Notamos como antes, na colônia, a luta de classes era inseparável da luta de raças. Hoje faz-se perceptível novas formas de racismos não apoiadas diretamente na biologia ou em raças, elas representam uma suplementação ao nacionalismo, em um momento em que essa forma de ideologia e governo, bem como a própria democracia, estão esvaziadas devido à prática neoliberal de globalização. De modo paradoxal, “está em curso, portanto, um complexo processo de unificação do mundo, no contexto de uma expansão sem fronteiras (embora desigual) do capitalismo” (Mbembe, 2020, p. 199), ao mesmo tempo que se reinventa as diferenças e as reforça, isto é, reforça-se o segregacionismo em uma globalização do *apartheid*. Mbembe argumenta que como a nossa era é da separação e luta contra o inimigo — diretamente ligada com o passado colonial —, as democracias liberais estão passando por um processo de inversão. A ideia de uma democracia universal fica distante com a existência de Estados que definem os seus cidadãos e, de forma taxativa, os indesejáveis.

⁵ Vale citar que, embora Achille Mbembe ao utilizar extensamente esse termo em seus escritos, inclusive em sua obra de 2001 “On the postcolony [Sobre a pós-colônia a qual] sugere que Mbembe se encaixe nitidamente nos estudos pós-coloniais [...], algumas diferenças importantes dos argumentos de Mbembe são perceptíveis” (Dorestal, 2020, p. 284, tradução nossa). No caso, Mbembe (2006) diferencia a pós-colônia (postcolony) do pós-colonialismo (postcolonial) para diferenciar esse novo método que nasce de uma variedade de problemas estéticos e políticos e que não se prende extensamente à diferença e alteridade, da mesma forma que foge do conhecido conflito da relação colono-colonizado, o qual invisibiliza a violência fratricida, algo bastante frisado pelo autor.

⁶ Nota-se como o desejo, enquanto categoria, tem um papel proeminente nesse movimento.

Mbembe ainda define a nossa época, sendo ela não universal, enquanto uma contemporaneidade de grupos separados em diversas categorias usualmente negativas. O carrasco e a vítima se confundem, trocam de posição, a vítima de um vira o carrasco de outro. É a época da inversão da democracia em que a política se assenta na diferença do eu para com o outro, um objeto.

Em relação à colônia, notamos que há um ponto essencial na filosofia de Mbembe: três ordens acabam por revezarem e fazerem trocas em uma distância aparente e proximidade real: a ordem da colônia; a ordem da *plantation*; e a ordem da democracia. Onde o luxo de alguns na última era financiado pela segunda e mantido pela primeira, isto é, “a satisfação desses novos apetites [pelo luxo] dependia da institucionalização de um regime de desigualdade em escala global. A colonização foi o principal rotor desse regime” (Mbembe, 2020, p. 41) a partir do mercado internacional desigual protagonizado pelos Estados europeus. E é assim que, não se ausentando de voltar ao passado para se olhar o presente e, principalmente, o futuro que é possível afirmar como “no limite, portanto, a democracia liberal, só é possível por meio desse suplemento do servil e do racial, do colonial e do imperial” (Mbembe, 2020, p. 111). Assim, afirmamos como verdadeira a análise que considera a elaboração da democracia, da *plantation*, e do império serem constituintes de uma mesma matriz histórica e sendo essenciais para uma compreensão da violência da ordem global contemporânea. Algo que aproxima a violência colonial e a violência das relações internacionais dentro de uma violência atmosférica, todas exploradas e teorizadas por Fanon. No entanto, nos atemos à visão de Mbembe no que tange a violência emancipadora do colonizado, afinal, ela coloca um problema que se põe à democracia, principalmente a qual ele classifica dentro do mundo ocidental, é que ela se vire contra si mesma, que os dispositivos raciais e servis externos sejam repatriados e tornados internos e toda a violência se volte contra aqueles que a instauraram de modo global.

No entanto, e aqui está precisamente o ponto da talvez incerteza e pessimismo de Mbembe ao pensar a pós-colônia, essa violência regenerativa, emancipadora, do colonizado “tinha uma dimensão incalculável e, devido a essa incalculabilidade, era essencialmente imprevisível” (Mbembe, 2020, p. 129). Nessa análise de mundo onde as independências dos países africanos foram formalmente realizadas,

o que Achille Mbembe chama de pesadelo de Fanon continua. Que seu diagnóstico da violência permanece, apenas trocando quem representa os papéis. Como no pior pesadelo de Frantz Fanon, a violência segue

sendo perpetrada por quem só aprendeu a violência, e isso chegando ao paroxismo da lógica do massacre, da lógica da necropolítica, onde o que importa não é mais o poder de decisão sobre quem vive, mas sobre quem morre. Achille Mbembe fala sobre uma leitura de Fanon para além da leitura da prática da violência. Uma leitura que perceba que a violência utilizada como práxis absoluta tem um fim, deve ter um fim. (Thuin, 2017, p. 144)

É um alerta para uma leitura que acabe por focalizar, talvez, o primeiro e segundo capítulos de *Condenados da Terra* nomeado enquanto *Sobre a violência e Grandezas e fraquezas da espontaneidade* e acabe por menosprezar ou desprezar seu quinto capítulo: *Guerra colonial e distúrbio mentais*, no qual Fanon justamente insiste em dedicar uma grande parte de sua obra em relatar os problemas e as consequências psicológicas⁷ do que foi apontado enquanto uma práxis absoluta da violência sem perspectiva de fim. E esse pensamento acerca de uma leitura de ambos os autores, tomado enquanto afirmação razoável, faz-se imprescindível para se pensar a contemporaneidade, dado que

Mbembe reflete sobre como a inimizade tornou-se o motor da prática política contemporânea, atualizando uma leitura de Fanon segundo a qual a violência guardaria a condição incontornável de um *pharmakon*, cuja dosagem pode produzir a cura ou em doses exageradas pode trazer a morte. (Federico, 2020, p. 76)

E não por acaso Silvio Almeida em *Necropolítica e Neoliberalismo* (2021, p. 1) aponta precisamente que em obras posteriores ao seu ensaio *Necropolítica* publicado em 2003, como a que tomamos como principal na análise intitulada *Políticas da inimizade*, Achille Mbembe dá um salto em sua análise ao delimitar que “as formas contemporâneas que subjagam a vida ao poder da morte (necropolítica)” (Mbembe, 2016, p. 147) estão diretamente relacionadas ao colonialismo e ao apartheid, uma espécie de transcendência de espaço e tempo. Uma afirmação que é útil ao lembrarmos que as formas de dominação, exploração e administração das sociedades humanas anteriormente utilizadas durante o decorrer da Modernidade por classes dominantes, elites, colonizadores e dominadores servem de ferramentas e bases de inspiração para o mesmo propósito atualmente. Ainda mais, adicionamos que essas práticas podem ser utilizadas por aqueles que eram vítimas e se transformaram em carrascos; pelos quais mesmo continuando vítimas, tornaram-se

⁷ É inevitável ressaltar, como Mbembe (2013, p. 11-12) expõe, que o conceito de violência para Fanon é tanto clínico como político, subjetivo e material. Pode se tornar a criação de um status político do sujeito, ao mesmo tempo que cria severos danos na psique do humano; a voz de uma luta de libertação e emudecer os próprios revolucionários.

intermediários entre o carrasco e a vítima; e, não obstante, de forma fratricida entre iguais. Esse ponto emblemático pode ser deduzido a vista de que “o conceito de necropolítica leva em consideração as dimensões que envolvem a guerra e a política, demonstrando como se tornaram indistinguíveis em seus métodos” (Federico, 2020, p. 117)

É nítido que, a partir desse pensamento,

O inimigo - o carrasco - encarna a forma absoluta de crueldade. A vítima, cheia de virtude, é incapaz de produzir violência, terror ou corrupção. Neste universo fechado, onde ‘fazer história’ não passa de expulsar inimigos ou destruí-los, qualquer forma de divergência é vista como extremismo. Existe um sujeito negro apenas dentro de uma luta violenta pelo poder – acima de tudo, o poder de derramar sangue. O Homem Negro é um sujeito castrado, um instrumento passivo para o gozo do Outro, e se torna ele mesmo somente através do ato de tomar o poder de derramar sangue do colonizador e usá-lo – o poder – ele mesmo. No final, a história se move dentro de uma vasta economia de feitiçaria (Mbembe, 2017, p. 42, tradução nossa).

Em uma preocupação nítida com o conceito de violência tomado às últimas consequências a partir de sua imprevisibilidade, em primeiro lugar acarretando diretamente no entendimento de um sentido negativo dessa dimensão, a qual afetaria o negro, o colonizado, enquanto sujeito em si e para si. É uma visão, muito afetada por uma violência atmosférica que perpassa o tempo e segue no mundo pós-colonial, ou um mundo apenas pós independência, dado que é nesse momento peculiar da continuidade de uma luta interminável que

Na época pós-colonial, é o irmão e não o colono que agora é o inimigo, e o direito soberano de matar está sendo exercido de maneira fratricida primeiramente contra o próprio povo (que, como Mbembe sugere, é talvez por isso que Fanon não poderia antecipar a pós-colônia). Uma consequência disso é que a própria colocação do próprio Mbembe acerca de Fanon como o pensador da necropolítica implica que de alguma forma Fanon estava errado sobre o Estado-Nação após a independência: ou, mais misteriosamente, que Fanon de alguma forma subestimou como o colonialismo interagia com o gozo perverso dos colonizados (Marriot, 2014, p. 60 -61, tradução nossa).

Notamos como há uma recanalização, com base no que Fanon expõe em *Condenados da Terra*, para os seus iguais ao invés da força que oprime os autóctones. A similaridade com os estágios iniciais da violência que emanada de forma dispersa em explosões tribais – agora notadamente urbanas, mas também rurais – e na possessão de uma economia feitiçeira de desejo é perceptível. Talvez não seja o caso de assumir de imediato que Fanon errou em pensar o Estado Nação pós-independente, como já exposto,

o que ele enquadra enquanto falsas descolonizações colocariam as recém nações em uma posição subserviente aos interesses das antigas metrópoles. Tampouco, admitir uma suposta inocência de Fanon acerca do papel do colonizado nessa subserviência, pois como já mencionado, ele alerta para os perigosos interesses dos agentes integrantes desses Estados pós-independência, os quais colaborariam para manter essa relação em benefício próprio.

Assim, para Mbembe é nítida a influência de Fanon em sua obra e em seu entendimento sobre o conceito de violência, ele aponta como “a teoria de Fanon sobre a violência só faz sentido dentro de um contexto de uma teoria geral, aquela da elevação em humanidade (*montée em humanité*) (Mbembe, 2012, p. 24, tradução nossa). Concordamos com Drabinski (2023, p. 38) que essa teoria Fanoniana no pensamento de Mbembe é justamente pensando em uma humanidade que difere da que o europeu imaginou para o africano – e para todo o globo, poderíamos argumentar – em uma enorme transformação. No entanto, a vista de se colocar as visões de ambos os autores em diálogo frutífero que gere inúmeras reflexões, a afirmação de Starwarska (2020, p. 112-113) nos é cara. A autora argumenta que as leituras, como as de Mbembe, que encaram a teoria Fanoniana sobre a violência do colonizado no sentido de ser uma reprodução do racismo colonial, não absorvem a questão da possibilidade de a violência ser, de forma ambígua, positiva e negativa, nas dimensões éticas e ontológicas enquanto uma tarefa, além de ser uma repulsa de movimentos políticos que acabam por se utilizar da violência. Em outros termos é achar nessa teoria caminhos abertos, ambíguos e até paradoxos que nos auxilie a pensar relação entre violência e política, seja em África ou em qualquer parte do globo, ontem e hoje.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Temos como proposição uma leitura comparada, uma análise conceitual comparativa, acerca do conceito de violência na obra *Políticas da Inimizade* de Achille Mbembe e a obra *Condenados da terra* de Frantz Fanon. A pesquisa de comparação será guiada pela pergunta metodológica: Quais os contornos da relação entre violência e resistência no pensamento de Frantz Fanon e de Achille Mbembe? Também utilizaremos comentadores de ambos os autores, bem como textos que possuem como prioridade o estudo acerca da relação Fanon-Mbembe.

Ao comentarmos sobre comparar, pode-se perguntar o porquê de utilizar esse método na pesquisa, afinal os filósofos contemporâneos africanos possuem como método

de análise principal uma pesquisa orientada a partir da relevância do tema, de acordo com os problemas historicamente encontrados em suas jornadas filosóficas e os desafios de seus povos (Omoge, 2022, p. 2), o que em um primeiro momento converge com a nossa proposta de perpassar a questão étnico-racial.

No intuito de reforçar a influência africana no Brasil, também na filosofia, nos ateremos rapidamente em expor o movimento que os filósofos africanos realizaram no que tange o debate metodológico. Omoge (2022, p. 8) nos ensina que grandes filósofos como Hountondji e Wiredu, na época colonial, ativeram-se a uma metodologia crítica e comparativa, o que a análise conceitual engloba. Ainda, Omoge (2022, p. 13) afirma que o método comparativo não pode ser o principal a ser utilizado, como foi outrora no passado colonizado africano. O ponto que é mais caro a nós na análise de Omoge (2022, p. 21) é que deve existir um balanceamento entre um rigor teórico, a análise conceitual, e relevância teórica para tratar dos problemas da sociedade, algo que, e concordamos, é um ponto característico em excelentes trabalhos filosóficos.

Assim, é justamente essa união que buscamos ao utilizar o método comparativo entre dois conceitos, ainda mais entre dois autores extremamente presentes em África, para o debate que tange a questão étnico-racial, uma relevância não apenas brasileira, mas que toca todo o mundo.

ATIVIDADES E CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO;

O trabalho será dividido em três grandes momentos:

- A) Realizar a reconstrução do conceito Fanoniano acerca da violência na obra *Condenados da Terra*, principalmente o conceito de violência emancipadora do colonizado (oito meses).
- B) Realizar a análise do conceito de violência na obra *Políticas da Inimizade* de Achille Mbembe, pensando fundamentalmente no sentido da resistência sociopolítica e a qualificação no décimo segundo mês (dezesesseis meses).
- C) Realizar um estudo comparativo entre os dois conceitos nas obras, na intenção de responder a questão que guia a pesquisa, a saber: *Quais os contornos da relação entre violência e resistência no pensamento de Franz Fanon e de Achille Mbembe?* Com isso pretende-se recuperar um tema clássico da filosofia política e social, que é a relação entre violência e resistência, trazendo a temática étnico-racial para o centro do debate e a defesa da dissertação final no vigésimo quarto mês (vinte e quatro meses).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Silvio. Necropolítica e Neoliberalismo. *Caderno CRH*, v. 34, p. 1-10, 2021.

BARBOSA, Muryatan S. Em busca de Fanon. *Afro-Ásia*, n. 67, p. 779-786, 2023.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. A construção do Outro como não-ser como fundamento do ser 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CHAVES, Murilo Mangabeira. A luta por autodeterminação: desracialização e descolonização no pensamento de Frantz Fanon 2019. 134 f., Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

DRABINSKI, John E. Life, Death, and Futurity in the Work of Achille Mbembe. In: RAHMAN, Smith A.; GORDY, Katherine A.; DEYLAMI, Shirin S (Org.). *Globalizing Political Theory*. New York: Routledge, 2023.

DORESTAL, Philipp. Reassessing Mbembe: Postcolonial Critique and the Continuities of Extreme Violence. *Journal of Genocide Research*, v. 23, n. 3, p. 383–391. London: 2021.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

FANON, Frantz. Why we use violence. In: MARSHALL, Wende; MEYER, Matt. *Insurrectionary uprisings: A Reader in Revolutionary Nonviolence and Decolonization*. Québec: Daraja Press, 2021.

FAUSTINO, Deivison Mendes. Frantz Fanon: um revolucionário particularmente negro. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2018.

FEDERICO, Wellington Luiz. A filosofia política de Achille Mbembe. 2020. 125 f., Dissertação (Mestrado em filosofia) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

ILGES, Michelle Cirne. A produção de ciências sociais no continente africano e a agência do CODESRIA. 2016. 199 f., Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

LOPES, Frabício Ricardo; TONELI, Maria Juracy Filgueiras; OLIVEIRA, João Manuel de. O Conceito de Violência Atmosférica em Fanon: contribuições aos Estudos de Gênero. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, vol. 22, p. 1518-1538, 2022.

LUIZ, Viviane Marinho. A práxis revolucionária de Frantz Fanon: Crítica ao colonialismo europeu em direção à descolonização. 2018. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Metodista De Piracicaba, Piracicaba, 2018.

MALDONADO-TORRES, Nelson. A topologia do ser e a geopolítica do conhecimento. Modernidade, império e colonialidade. Tradução de Inês Martins Ferreira. Revista Crítica de Ciências Sociais, v. 1, n. 80, p. 71-114, mar. 2008.

MARRIOT, David. Wither Fanon?. Textual Practice, v. 1, n. 25, p. 33-69, 2011.

MBEMBE, Achille, Difference and Self-Determination. E-flux journal, n. 80, p. 2017.

MBEMBE, Achille. Frantz Fanon's Oeuvres: A Metamorphic Thought. Nka Journal of Contemporary African Art, n. 32, p. 8-17, 2013.

MBEMBE, Achille. Metamorphic Thought: The Works of Frantz Fanon. African Studies, v. 1, n. 71, p. 19-28, 2012.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. Arte & Ensaios, n. 32, p. 123-151, dez. 2016.

MBEMBE, Achille. Políticas da inimizade. São Paulo: n-1 edições, 2020.

MOURA, Clóvis. Sociologia do negro brasileiro. São Paulo: Perspectiva, 2019.

NOGUERA, Renato. Dos condenados da terra à necropolítica: Diálogos filosóficos entre Frantz Fanon e Achille Mbembe. Revista Latinoamericana do Colégio Internacional de Filosofia, n. 3, p. 59-73, 2016.

OMOGÉ, Michael. Conceptual Analysis and African Philosophy. Philosophical Papers, v. 51, n. 2, p. 265-293, 2022.

RAMOSE, Mogobe. Sobre a legitimidade e o estudo da Filosofia Africana. Ensaios filosóficos, v. 4, p. 6-23, 2011.

REIS, Diego dos Santos. Saberes encruzilhados: (de)colonialidade, racismo epistêmico e ensino de filosofia. *Educar em Revista*, 36, 2020.

STAWARSKA, Beata. Struggle and Violence: Entering the Dialectic with Frantz Fanon and Simone de Beauvoir. In: KISTNER, Ulrike; HAUTE, Philippe van (Org.). Violence, Slavery and Freedom between Hegel and Fanon. South Africa: Wits University Press, 2020.

THUIN, Antonia de. As múltiplas histórias da África: Achille Mbembe, Frantz Fanon e a representação da violência. Revista Escrita, n. 23, 2017.

VARADHARAJAN, Asha. Afterword: The Phenomenology of Violence and the Politics of Becoming. Comparative Studies of South Asia, Africa and the Middle East, v. 28, n. 1, p. 124-141, 2008.